

Rastros da e na cidade: antropologia urbana e da imagem

autora
convidada

Cornelia Eckert¹
Ana Luiza Carvalho da Rocha²

Resumo

O artigo trata da pesquisa desenvolvida pelas autoras no Banco de Imagens e Efeitos Visuais do PPGAS da UFRGS. Aborda os eixos teóricos aos quais no filiamos no estudo sobre o tema da cidade. Discute os conceitos de memória coletiva, sociabilidade e trajetória social que embasam a pesquisa etnográfica da duração na cidade contemporânea.

Palavras-chave: etnografia, cidade, imagem, memória coletiva, sociabilidade, tempo

Abstract

This article is about the research developed at the Bank of Images and Visual Effects (Anthropology Graduation Program – UFRGS). It refers to the theoretical axes we are affiliated in the study of the city theme. It discusses the concepts of collective memory, sociability and social trajectory, which is the basis of the research concerning the ethnography of the duration in the contemporary city.

Keywords: ethnography, city, image, collective memory, sociability, time

1. Doutora em Antropologia Social, com a tese “Une ville autrefois minière: La Grand-Combe. Etude d’Anthropologie Sociale. Tome I, II, III.” Tese de doutorado, Paris V, Sorbonne, 1992, e pós-doutorado no Laboratoire d’Anthropologie Visuelle et Sonore du Monde Contemporaine, Université Paris VII, em 2001. É professora no Departamento de Antropologia, no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do IFCH (UFRGS). Tem ministrado as disciplinas de Método de Pesquisa Antropológica, Antropologia Visual e da Imagem, e Memória, Sociabilidade e Individualismo no PPGAS, e as disciplinas de Método de Pesquisa Qualitativa e Seminário Livre – Antropologia Visual no Curso de Ciências Sociais do IFCH (UFRGS). É pesquisadora CNPq e coordenadora, junto com Ana Luiza Carvalho da Rocha, do projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Laboratório de Antropologia Social do IFCH), com sede no ILEA da UFRGS. Participa do Núcleo de Pesquisas sobre Culturas Contemporâneas (Nupecs) e coordena o Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) do IFCH (UFRGS).

2. Doutora em Antropologia Social, com a tese “Le sanctuaire du désordre, l’art de savoir-vivre des tendres barbars sous les Tristes Tropiques”. Tese de doutorado, Paris V Sorbonne, 1994, e pós-doutorado no Laboratoire d’Anthropologie Visuelle et Sonore du Monde Contemporaine, Université Paris VII, em 2001. É antropóloga na UFRGS. Desenvolve atividades administrativas e de pesquisa no Laboratório de Antropologia Social. Colabora no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do IFCH (UFRGS) no desenvolvimento das disciplinas de Método de Pesquisa e Antropologia Visual e da Imagem. Professora convidada no PPGAS/UFSC. É pesquisadora CNPq e coordenadora, junto com Cornelia Eckert, do Projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Laboratório de Antropologia Social do IFCH), com sede no ILEA da UFRGS, em Porto Alegre. Participa do Núcleo de Pesquisas sobre Culturas Contemporâneas (Nupecs).

Um narrador de Joinville — Relato de Cornelia Eckert

Há poucos dias foi lançado o livro intitulado “O sol nasce para todos”, escrito por meu pai. Primeiramente relata a vida cotidiana de meu avô na Alemanha e sua aventura de migrar para o Brasil³. Segue narrando, em pequenas historietas, sua própria trajetória. A região a que se destinaram esses migrantes envolve lugares iniciais como Curitiba, Corumbá e Joinville, onde meu pai nasceu. As imagens narradas das cidades que se formavam na primeira metade do século XX transmitem o espírito da época: de uma modernidade emergente que despontava com as levas de imigrantes que se enraizavam na região com seus projetos de vida. Da formação comunitária, reconstrói os embates étnicos e os esforços de co-presença transcultural. De suas reminiscências da infância, homenageia com nostalgia a cidade em que nasceu. Evoca as imagens do seu rio Cachoeira, da sua canoa Francisca, do seu cachorro Mopi, dos seus amigos de travessuras na escola e no circo, do seu círculo afetivo familiar. Partiu ainda criança de Joinville, mas retornou muitas vezes e relata algumas experiências nos ciclos de sua vida. Este retorno nem sempre foi presencial e frequentemente se refere a imagens de viver em Joinville em seus sonhos e devaneios, fruto da imaginação afetiva.

Para o relato escrito nos dias de hoje, meu pai “visita” (lê e escuta) narrativas diversas. Pesquisou imagens de época em livros e álbuns, reviu fotografias tiradas nos anos 20 a 50 por seus familiares ou fotógrafos de família, releu cartas e cartões postais, leu muitos livros biográficos e históricos sobre imigração ou depoimentos de imigrantes alemães, da mesma forma sobre história da igreja luterana e, sobretudo, conversou com parentes e amigos ainda vivos que pertenceram a sua rede de convívio ao longo de sua vida, ou escreveu cartas para esses, pedindo para recordarem com ele alguns eventos compartilhados. Escreveu também para alguns descendentes de amigos falecidos, perguntando o que lhes foi narrado por seus pais ou avós sobre tal acontecimento. Busca, com esses rastros, construir uma narrativa escrita. São assim imagens diversas de experiências pessoais e coletivas, múltiplas vozes sobrepostas e reconfiguradas na escrita narrativa deste mediador que se coloca como guardião dessa memória.

O que este testemunho nos sugere é a inter-relação entre as experiências vividas em seus deslocamentos e enraizamentos nas cidades, entre cidades e regiões, entre países e continentes, entre campo e cidade, entre gerações, entre rede de amigos, famílias, parentes, corporações, mesmo entre desconhecidos, pessoas que nunca se cruzaram, mas cujos relatos circulam nas relações entre grupos e instituições diversas, ritmados agora nos jogos da memória de um narrador. Ou ainda, as interações entre as imagens das cidades e a razão afetiva de lembrar, que é sempre uma ação no presente, como nos ensina Gaston Bachelard (1988).

3. No Arquivo Histórico de Joinville consta que meu avô Paul Eckert foi cadastrado como tendo chegado à colônia no dia 29 de agosto de 1901, com 25 anos, vindo de Dresden (Alemanha) e tendo por profissão fabricante de cigarros. Chegou junto com a família de seu irmão, já casado e com filhos.

Podemos desde já propor que os rastros da memória dos habitantes das cidades dão ritmo contínuo ao tempo que é descontínuo. É este tempo vivido que pensamos por imagens. A vida, sabemos, é descontínua, mas o tempo vivido conhece uma duração nas narrativas que elaboramos com imagens que povoam nosso pensamento, ao mesmo tempo em que a aparente continuidade da vida é ritmada por instantes de tempos que lembramos: são rastros de experiências que construímos sem cessar

Cidade e imagem: a pesquisa do Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Este é o eixo temático deste artigo produzido em resposta ao desafio proposto pelos colegas do Núcleo de Estudos em Comunicação da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/ Ielusc (Joinville, SC) para relacionar a cidade e a imagem a partir do campo de pesquisa das autoras: a antropologia urbana e a antropologia visual e da imagem. Esta perspectiva de pesquisa desenvolvemos em dois projetos no PPGAS/UFRGS⁴: Antropologia Visual (Navisual) e no Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev e Nupecs⁵). O primeiro projeto foi iniciado em 1993 e o segundo em 1997, coordenado pelas autoras. Nesses projetos, sinteticamente, nos dedicamos ao estudo da experiência temporal no cotidiano dos habitantes das modernas sociedades complexas. Desenvolvemos e orientamos inúmeras pesquisas etnográficas inspiradas nas modalidades narrativas em que a produção imagética é central. Buscamos conhecer as múltiplas narrativas sobre o viver na cidade, sejam essas as falas dos entrevistados, os relatos etnográficos dos pesquisadores, a produção de imagens com fotografia, vídeo e som, os textos monográficos, dissertações e teses, fotos e documentos de acervos, a produção artística e o patrimônio construído na cidade. São suportes que configuram um campo semântico que dá sentido as manifestações de ordem social e simbólica dos sujeitos no cotidiano urbano, e que orienta as práticas e os saberes que os indivíduos e/ou grupos constroem em suas relações com a cidade.

O projeto Biev, singularmente, resulta em um amplo processo de formação de acervos digitais (coleções etnográficas) sobre o mundo urbano porto-alegrense e outras cidades modernas. É um espaço de pesquisa sobre memória coletiva, itinerários urbanos e formas de sociabilidade e um pólo de produção audiovisual na área da Antropologia.

Neste artigo, retomamos alguns esquemas enunciativos oriundos dos domínios da Antropologia urbana e da Antropologia visual e sonora a partir do qual estruturamos nossos projetos. Essa produção alimenta um banco de conhecimento, o “Biev”, que consideramos um espaço de divulgação e de acesso, aos usuários das redes mundiais de computadores, de conjuntos

4. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

5. Núcleo de Pesquisa sobre Culturas Contemporâneas.

documentais versando sobre os acontecimentos vividos por grupos e/ou indivíduos em Porto Alegre, a partir do contexto das pesquisas etnográficas realizadas por nós e pelos pesquisadores e bolsistas que orientamos. O projeto trata com novas tecnologias na medida em que recebe um tratamento hipertextual divulgado no site www.biev.ufrgs.br (BIEV-site). A intenção é investir na construção de “comunidades interpretativas” (Rabinow, 1999) no que se refere à apropriação das representações acerca da estética urbana, da memória coletiva e do patrimônio etnológico.

Como sugere cada vez mais a análise compreensiva dos fenômenos da memória e do patrimônio etnográfico no mundo contemporâneo que vimos desenvolvendo no Biev, “o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de forma narrativa” (Ricoeur, 1994: 15) e que as ações, situações, acontecimentos vividos esboçam rastros e traços da experiência temporal humana. Também o antropólogo urbano é um narrador de seu tempo de viver a(s) cidade(s), interlocutor privilegiado junto aos habitantes com quem interage no processo de pesquisa etnográfica. É um mediador atento, na sua escuta e no seu olhar, à ação e aos dramas sociais da vida cotidiana. Mais ainda, nos termos de uma antropologia hermenêutica, a cidade pode ser interpretada como um texto (Geertz, 1974), sendo que então “se dá ao mesmo tempo a ver e a ler” (Ricoeur, 2007: 159). Ela é assim um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento: de reflexividade cognitiva e de interpretação. Em “passos perdidos” (De Certeau, 1984) o habitante errante traça itinerários rotineiros ou imprevisíveis, percursos que desvendam os lugares de pertença em que grupos sociais depositam sua memória (Halbwachs, 2006) ou revelam os lugares desconhecidos ou evitados. Os lugares e o tempo na cidade são, para o antropólogo, inteligibilidades narrativas: um lugar de vida a ser apreendido como um ato de configuração de “tempos narrados” e “espaços construídos” em que são tecidos em conjunto “o tempo cósmico e o tempo fenomenológico” (Ricoeur, 2007: 159). Nesse lugar de vida, o antropólogo se desloca orientado pelas tradições teóricas e pela renovação da pesquisa, e em sua narrativa dessa experiência produz mais uma intertextualidade que atente as permanências e as transformações do viver na paisagem urbana. Com a devida vigilância epistemológica, como dizemos alhures, “para o antropólogo, mais do que para qualquer outro cientista social, ‘lembrar significa pensar’” (Eckert e Rocha, 2005: 38).

Na experiência etnográfica de convívio com o Outro (os “nativos” da cidade), o antropólogo narrador encontra suas próprias lembranças, as quais lhe cabe reconhecer e desvendar no processo mesmo de reconhecer as lógicas dramáticas dos habitantes em suas rotinas ou ações imponderáveis⁶. Deverá, em sequência, recorrer ao saber antropológico com o qual irá organizar, com conceitos abstratos, as cognições e sentidos observados e escutados. Como mais um narrador na cidade, descreve as lógicas das estruturas citadinas e dos acontecimentos, paradoxalmente entrelaçando e hierarquizando tempos vividos e pensados, espaços habitados e construídos.

Nesse ato de tradução das lógicas dramáticas inscritas na interlocução com pessoas singulares e operacionalizadas na experiência etnográfica, os “dados” da vida social coletados pelo

6. Seguimos, nessa análise, Sara Pain (2000).

pesquisador em seus diários, entrevistas transcritas, imagens produzidas, são reordenadas a partir do campo de conceitos antropológicos, mas apenas para compartilhar em outra ordem comunicativa (a da interpretação científica) a especificidade de suas inteligibilidades narrativas. Estas, agora, são consideradas à luz da reflexão do antropólogo sobre a trajetória da disciplina em suas matrizes e tradições epistemológicas, reatualizadas na contemporaneidade da interpretação.

Dessa forma, as produções das pesquisas antropológicas registradas em suportes escritos, visuais e sonoros acabam sendo reconhecidas como depositárias do próprio “encontro etnográfico” do antropólogo com o grupo e com comunidades pesquisadas. Nessa perspectiva, o antropólogo que narra sua cidade inscreve como patrimônio etnológico o movimento dos instantes vividos: as transformações da paisagem urbana, dos processos sociais, dos arranjos estéticos, das dinâmicas culturais tecidas nos territórios de interação.

Em se tratando da pesquisa com as cidades brasileiras, trata-se de reconhecer a ritmicidade das experiências vividas, compartilhadas no fluxo do tempo por seus habitantes. Essa atenção pautada por ritmos não negligencia as determinações que se colocam como sócio-culturais sobre o espaço urbano, seja em seus “desencaixes espaço-temporais” (Giddens, 1991), seja no atributo da “compreensão espaço-tempo” (Harvey, 1989), seja ainda na compreensão das experiências plurais nos espaços públicos e/ou privados, individualizantes ou hierarquizantes, por exemplo, como mostra o estudo de Roberto Da Matta em sua análise sobre a casa e a rua na sociedade brasileira (Da Matta, 1985).

Propomos uma pesquisa que reconheça esses ritmos vividos e pensados pelo estudo etnográfico da duração (Eckert e Rocha, 2005), que desvende a tonalidade temporal em suas modalidades narrativas “de uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros” (Ricoeur, 2007: 142), em que aparecem combinados os rastros transculturais e simbólicos dos habitantes urbanos.

Nos termos de uma Antropologia urbana, e “contrariando-se aqui a tese (de inspiração bergsoniana) do Brasil como um país sem memória” (Eckert e Rocha, 2005: 25), trata-se de uma elasticidade temporal das formas por meio das quais o viver urbano se mantém e cuja trama da experiência vivida de seus habitantes tece um tempo suficientemente regular para lhes assegurar uma impressão de continuidade,

Nos estudos bievianos sobre tempo e duração no mundo urbano contemporâneo, uma “ritmoanálise” (Bachelard, 1988) das cidades brasileiras nos desafia a pensá-las desde os tempos vividos dos seus habitantes em suas tensões com a linearidade do tempo progressista e histórico do mundo ocidental. Explorando-se tais condições temporais na leitura das condições espaciais nas quais vivem os habitantes das cidades, é fundamental o aprofundamento da pesquisa com etnografia hipertextual — estratégia adotada para etnografar a vida das formas urbanas contemporâneas como parte do contexto de sua leitura plural e múltipla, rendendo homenagem aos pais fundadores de nossa linha de pesquisa, isto é, a Antropologia urbana na interface com a Antropologia visual. Neste sentido, o uso das tecnologias da informática, com o tratamento eletrônico ou digital da memória, consiste, em nosso projeto, num esforço de investigação sobre a fruição estética contemporânea do tempo como realidade composta de um *continuum* de instantes logicamente hierarquizados (Bachelard, 1988).

Ensinamentos da antropologia urbana

Seguimos então em um campo de conhecimento que nos é familiar, a pesquisa antropológica sobre memória coletiva, as formas de sociabilidade e as trajetórias sociais nas cidades moderno-contemporâneas.

Iniciamos por problematizar a nossa primeira filiação: a antropologia urbana. Perseguindo esta trilha intelectual, reconhecemos que a cidade se torna um objeto de pesquisa privilegiado, inicialmente no campo da sociologia moderna, seguido de perto pelo interesse da antropologia tradicional em ampliar sua área de pesquisa, voltando-se para as sociedades complexas.

A cidade como objeto e o tema do urbano conheciam, no final do século XIX, as primeiras análises acadêmicas. Nesse ambiente o conceito da dialética irradiou uma clarividência sobre o incógnito mundo do *homo economicus* e *urbanus* — fórmula mágica da síntese (tese/antítese), da transformação e mediação (natureza e cultura), do “terceiro” na inter-relação social que gera tensão e conflito (sociologia das formas), da contradição e das assimetrias nas trocas sociais e reciprocidades agonísticas construídas por intelectuais em voga na Europa.

Entre tantos outros pensadores, K. Marx, E. Durkheim, G. Simmel, M. Weber, M. Foucault, N. Elias, L. Dumont, M. Sahlins e G. Durand consolidaram em suas obras um projeto epistemológico de compreensão da vida social dinamizada por processos de identificação e diferenciação histórico-sócio-culturais. O que as teorias produzidas por esses pensadores têm em comum é o esforço de compreender o trajeto antropológico da figura humana (ou processo civilizatório, como definiria Norbert Elias, 1994), seguindo-se ora a determinação das representações objetivas sobre as subjetivas (ou vice-versa), ora reciprocidade das representações subjetivas e objetivas.

Este projeto intelectual moderno, especificamente no âmbito antropológico, privilegia o estudo do pensamento simbólico e das práticas significantes, onde “o símbolo é sempre o produto dos imperativos biopsíquicos pelas intimações do meio” (Durand, 1989: 30). Nestes termos, o processo de urbanização no mundo moderno-contemporâneo que configura o espaço do viver na cidade pode ser evocado como uma ambiência que compõe os movimentos de “intimações” do meio cósmico na trajetória humana.

O cenário americano que encontramos nesse processo e que instiga as primeiras investigações científicas (XIX-XX), conhece o desafio de analisar as novas configurações sociais resultantes das interações multiculturais, do fenômeno da imigração e da diáspora no âmbito da formação dos novos Estados-nação. Este é o contexto da “realização do moderno” (plagiando Simmel), em que se ampliam os círculos de poder como os políticos, econômicos e financeiros por um lado (conteúdo), e os círculos sociais e culturais por outro lado (forma). Os estudos contemporâneos sobre o tema das características da vida moderna seguem em grande parte os ensinamentos do sociólogo alemão Georg Simmel em sua teoria da forma social e/ou a teoria do conflito social. Para este autor importa dar conta das formas de interação social na experiência da vida cotidiana no mundo urbano e descontínuo, atentando para o impacto das formas das organizações ideológicas e públicas sobre a vida em sociedade.

O campo disciplinar que trata do tema da cidade e de seus grupos sociais identificados por sociedades complexas foi pioneiramente analisado pelos intelectuais da escola americana de Chicago, pelo método da “investigação qualificada”. Denominada “ecologia humana”, é inaugurada uma análise mais microscópica, cultural e sócio-estrutural (Ritzer, 1993: 64) sobre essa população que se fixava em torno de polos industriais e comerciais. Robert Park, aluno de Georg Simmel, é o principal difusor dessa orientação teórica voltada para a perspectiva da ação e da interação dos habitantes no cenário citadino. Outra influência teórica nessa conjuntura é a do interacionismo simbólico delineado por Georg Mead, ao propor uma teoria do *self*, inaugurando um enfoque sobre o ator no desempenho de papéis sociais e sua conduta psicológica. Mas é na forma da preocupação com estudos de desvio e da construção da identidade do eu do “dramatúrgico” Erving Goffman ou na forma de teoria da ação social, pela via do sociólogo americano Talcott Parsons, que a teoria da estrutura da ação psíquico-social predominará.

Encerramos este breve giro sobre a influência da sociologia americana na configuração de uma pesquisa mais sistemática voltada para o fenômeno urbano, citando ainda a obra de Alfred Schutz, que propõe um estudo fenomenológico do mundo social⁷. De seu estudo, o que nos é particularmente caro é sua teoria da ação no mundo da vida cotidiana e das formas de relações intersubjetivas em que podemos compreender o movimento das memórias intrageracionais a partir das relações entre o “eu” e “ele”, o “nós” e “os outros”, em redes mais íntimas ou em redes impessoais. No reconhecimento desse movimento de tempos compartilhados nos espaços de convívio urbanos, podemos então identificar as “províncias de significação” que podem configurar experiências coletivas que expressam as negociações e as táticas de pessoas e grupos. Nesses nichos de sentido negociam-se identificações ou distinções sociais, pessoas se associam ou se evitam em fronteiras simbólicas que revelam valores de pertencimento social e cultural, ou disposições de distinção de capital cultural e simbólico, como nos ensinou Pierre Bourdieu (2007) e Norbert Elias (1991) ao disporem do conceito de *habitus*, seja como dominação, seja como autocoerção, que articula o processo de formação social ao poder do Estado (referem-se aos segmentos favorecidos e privilegiados, à classe dominante no estado capitalista ou à corte, no estado monárquico).

Como pode perceber o leitor, associamos aos estudos clássicos americanos os estudos sobre o individualismo e a modernidade de sociólogos europeus como Pierre Bourdieu e Norbert Elias. De modo mais amplo, na vertente européia da sociologia e da antropologia social francesa e/ou britânica, a influência do funcionalismo e do estruturalismo é inquestionável. No que se refere mais particularmente ao fenômeno urbano no âmbito dos estudos britânicos, a chamada Escola de Manchester consolida a análise de organizações e redes sociais que potencializam a compreensão das contradições entre as tendências de interesse político e social de ordem local e global, privilegiadamente nas cidades africanas. Dedicam-se, nesse sentido, ao estudo do efeito perverso da globalização nos processos de destribilização e nas mobilidades desses grupos nos contextos urbanos. Nessa via de interesse, estudos

7. Ele parte da filosofia fenomenológica de Edmund Husserl, que havia proposto “uma compreensão interna do ego transcendental” (Ritzer, 1993: 85).

como de Richard Fox (1977) redesenham as reflexões sobre essas cidades em que predomina o conflito pela destribalização de grupos tradicionais na coexistência com as classes “modernas” (industrial, financeira), em que a segregação espacial prepondera e reflete a lógica de Estado “novo”.

Na França, alguns ensinamentos: estudos de memória na cidade e antropologia visual

Na França, os ensinamentos de Maurice Halbwachs sobre a cidade são relacionados ao seu estudo sobre a memória coletiva e a importância da co-presença e dos afetos compartilhados nos lugares em que os grupos sociais vivem e compartilham sentidos e identidades, ou “amarram”, de sentidos, a memória do grupo. Essa interface é revalorizada por Issac Joseph e Yves Grafmeyer ao inserir seu estudo na versão em francês da coletânea “Escola de Chicago” (que compila textos do livro original *The city*, da Universidade de Chicago nos anos 20). Conhecemos esses autores em seus seminários sobre “a cidade como desafio e como meio”, durante nossos estudos de doutoramento na EHESS, na França (1987-1992). Era notória a importância desses intelectuais para uma antropologia urbana nesse país, abertos à influência de estudos americanos sobre o fenômeno urbano, uma vez que encontrávamos com mais frequência na academia francesa um status de resistência à tradução da produção antropológica americana.

Na Antropologia visual, o antropólogo e cineasta francês Jean Rouch é representativo de uma linhagem de estudos etnográficos que tem a cidade como cenário e seus habitantes como personagens. Na linha dos documentários franceses dos anos 60 e 70, trata da sociedade moderna.

Os temas retratados giram em torno do dinheiro, do amor, da guerra, do racismo, do trabalho das mulheres, dos problemas da habitação, do desemprego e da crise política. Geralmente os personagens são pessoas anônimas, comuns e ordinárias; os cenários são as ruas, as casas de comércio, os locais de trabalho, das praças (predominando espaços públicos) de uma Paris cada vez mais cosmopolita, perigosamente pluriétnica e pluriracial.

A escola de Jean Rouch, a da antropologia compartilhada, não nasceu apenas na África, mas igualmente nos documentários desenvolvidos na cidade, sobre formas de interação e reconhecimento da vida cotidiana. Na África, particularmente, Rouch é autor de uma vastíssima obra fílmica em que revela as disjunções em Estados africanos, mostrando no interior das cidades — como no filme *Moi, um noir* (1959) — os processos de desmantelamento das populações locais num grande centro urbano diante da violência do contexto de ocidentalização do continente africano nos anos 50 do século XX. Em outro artigo, abordamos o documentário *Moi, um noir* como uma obra ímpar que permitiu à audiência europeia, branca e civilizada, refletir sobre os impactos de suas ações em outras culturas, das quais resultaram grandes centros urbano-

industriais, “objetos estranhos às territorialidades ali pré-existentes” (Eckert e Rocha, 2007: 63).

Mais recentemente, nos anos 90, os trabalhos de Dominique Cabrera, em *Chronique d'une banlieue ordinaire*, e de Jean Arlaud, com *Ici y'a pas la guerre*, aportam aspectos criativos à condição de imaginar e fabular na cidade, tratando da memória e da duração.

Neste processo de descoberta do exótico *chez nous*, os documentaristas franceses perseguem o lugar do sujeito dando-lhe voz, em entrevistas diretas e relatos contextualizados em bairros pluriétnicos da cidade de Paris. O documentário de Jean Arlaud⁸ é marcado por sucessão de microeventos; seus personagens inscrevem os acontecimentos de Ano Novo em tradições populares. As histórias dos protagonistas vão sendo tecidas numa malha de sentidos no documentário, retirando-os do anonimato, dando-lhes a face de cidadãos. O relato da perseguição, intolerância e da discriminação contrasta com as imagens das trocas sociais íntimas entre os personagens cujas origens diferenciadas se entrelaçam no bairro Goutte d'Or, sob a ameaça de um processo de renovação urbana.

Cidade, migrações e imigrações: os fundamentos da antropologia urbana no Brasil

Podemos, agora, transpor a pergunta inicial para a especificidade da antropologia brasileira diante das repercussões dos estudos teóricos estrangeiros. Especificamente para o estudo da e na cidade, era o tema da “imigração, urbanização e proletarização” que marcam as preocupações dos antropólogos brasileiros a partir da década de 60. Na academia, enfraquecia aos poucos os preceitos funcionalistas e culturalistas como explicações absolutas sobre o processo histórico brasileiro.

As influências dessas duas tradições teóricas seguiam nos ensinamentos do fazer etnográfico, da prática de relativização no saber antropológico, sobremaneira na universidade paulista (USP) em que emergiam os estudos antropológicos voltados para o tema urbano. Mas será na abordagem estruturalista (materialista histórico, por um lado; linguística/simbólica, por outro lado) que os intelectuais que estudam o fenômeno urbano na citada década se apóiam para a compreensão dos processos de transformação no Brasil que se urbanizava e se industrializava. Importava dar conta das contradições entre uma sociedade arcaica com seus valores estamentais que declinava e um Estado-nação que se consolidava com um projeto de modernização.

Esses enfoques teóricos apropriados pela disciplina antropológica que ampliava seu espectro temático e analítico, sendo já consagrada em seu método etnográfico, experiencia um giro de interesses, voltando-se para o estudo de comunidades e de grupos urbano. O contexto das grandes

8. Desenvolvemos com o prof. Arlaud nosso programa de pós-doutorado em 2001 na Université Paris VIII.

metrópoles se coloca como fenômeno central na interpretação das formas de vida social promovidas pela sociedade brasileira, que consistia no universo investigado por uma geração de intelectuais.

Nos anos 60 e 70, destacamos os estudos de Eunice Durham e Ruth Cardoso na USP, atentas às “dinâmicas culturais” (Durham, 2004) e aos embates políticos a que estão submetidos os sujeitos sociais (Cardoso, 1986).

Importante ressaltar o papel central desempenhado por essas intelectuais, sobretudo, na formação das novas gerações de antropólogos, incentivando a pesquisa qualitativa junto às populações urbanas, e atualizando com eficácia o método etnográfico como estratégico para desvelar as condições de vida de grupos trabalhadores e segmentos sociais diversos. O tema do convívio intersubjetivo do pesquisador no estranhamento ou na familiarização de indivíduos e grupos no contexto urbano brasileiro ganha destaque em inúmeros estudos e pesquisa. Gilberto Velho, Antonio Arantes, Tereza Caldeira, Alba Zaluar, Carmen Cinira, José G. Magnani, Paula Monteiro, entre tantos outros antropólogos, enveredarão por fórmulas teóricas capazes de tratar das diferenças e das desigualdades que se delineavam nas metrópoles brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife. Por consequência, interpretar a cidade se coloca, então, como um exercício reflexivo de reconhecer o Outro e a si mesmo na transformação urbana profunda, tanto quanto nas regularidades e rotinas de uma vida cotidiana.

As origens próximas de uma comunidade interpretativa

Importa enfatizar que nesse campo da antropologia urbana seguimos nossa trajetória acadêmica, com cuidadosa atenção, os ensinamentos de nossos orientadores Gilberto Velho (UFRJ) e Ruben Oliven (UFRGS), que concebem a forma de grupos e redes de pessoas dinamizarem sociabilidades que revelam estilos de vida, identidades sociais, empreendem posições políticas e distinções econômicas. Estes revelam para o caso das grandes metrópoles brasileiras a presença da permanente contradição entre as particularizações de experiências de certos segmentos, categorias, grupos e até indivíduos, e a universalização de outras experiências que se expressam culturalmente através de conjuntos de símbolos homogeneizadores.

Mariza Peirano (2006: 62), em sua obra “A teoria vivida”, reconhece, nos caminhos da antropologia brasileira, o giro de reflexão intelectual que investe no estudo da alteridade próxima pelo estudo de fenômenos familiares aos pesquisadores, sendo essa fórmula de pesquisa também uma afirmação política, uma vez que estranhar o familiar será um desafio colocado ao antropólogo urbano em suas pesquisas etnográficas na cidade. O antropólogo, no encontro intersubjetivo com o *outro*, no cenário de sua própria cidade, se desloca, em termos teórico-interpretativos, para um campo conceitual crítico. Nos anos de embate ditatorial do Estado (final dos anos 60 e anos 70), o conjunto de estudos de antropologia urbana no Brasil se colocava como projeto de resistência

aos “anos de chumbo” pelo seu esforço compreensivo da vida cotidiana dos habitantes nas grandes cidades e comprometimento do antropólogos com os seus interlocutores de suas pesquisas.

É nesta “comunidade interpretativa” que ancoramos nossa filiação temática. Na trilha desses intelectuais, avançamos com os temas da memória coletiva, da trajetória social e das formas de sociabilidade, concebendo a cidade como um objeto de interpretação no processo de conhecimento apreendido pelo saber e fazer etnográfico. Esta postura delinea uma antropologia contemporânea envolvida com as imagens narradas da cidade e as práticas concebidas neste contexto complexo.

O movimento das imagens na memória coletiva

Cabe agora realizar um giro na abordagem do estudo antropológico da e na cidade, noticiando nossa experiência de pesquisa no contexto urbano, privilegiando a atenção ao tema propriamente da memória coletiva. Nosso engajamento com o estudo da antropologia urbana toma então a cidade como objeto temporal, o que postula nossa adesão pelo estudo do fenômeno da duração nas sociedades complexas. Essa precipitação é encorajada por uma inquietação bachelardiana: a de que somos habitados pelas imagens das cidades que a cultura humana configurou, ou das cidades cujas imagens apreendemos como artifícios da imaginação.

Em nossas pesquisas “no” e “do” mundo urbano contemporâneo, enfocamos as problemáticas da memória como fenômeno que preside precisamente a esfera dos estudos sobre a consolidação temporal. Isto é, referimo-nos às condições temporais nas quais um corpo social atinge sua perpetuidade como substância “coletiva”, em meio às descontinuidades dos instantes vividos na ação cotidiana. Temos consciência de que essa perspectiva rompe com abordagens antropológicas mais convencionais sobre o tema da memória, como esclarecia Maurice Halbwachs em seu estudo sobre a memória coletiva, ao concluir que ela não se confunde com a história e que a expressão memória histórica é confusa, uma vez que associa dois termos que se opõem: a memória é múltipla, diversa, opera no movimento da continuidade e descontinuidade; a história é única e linear (Halbwachs, 2006: 100-102). Ao contrário, reconhecemos na memória coletiva a importância singular da vacuidade e da hesitação como matérias conformadoras da tessitura da vida social, tal qual postula Gaston Bachelard em suas obras *L'intuition de l'instant* (1932) e “A dialética da duração” (1988): a ideia da continuidade do tempo não como um dado em si mesmo, mas como “uma obra humana” (Bachelard, 1988: 51) em um projeto de criar, de imaginar a vida em seu devir. Através da ideia da continuidade e sucessão temporal no bojo da descontinuidade, em que o tempo revela-se hesitação, a “dialética da duração” bachelardiana nos provoca a postular pela memória como integrando as polêmicas descontinuidade/continuidade e fragmentação/universalização nas grandes metrópoles contemporâneas, e em especial nos grandes centros urbanos do Brasil.

Refletindo sobre a estrutura ondulatória das formas de vida social, cuja regularidade de frequência lhe garante força de existência nas grandes metrópoles contemporâneas, são as narrativas dos habitantes de Porto Alegre (RS) que tem nos conduzido a sustentar que, no plano dos jogos da memória, a matéria do ser social se movimenta ininterruptamente sem, no entanto, se dispersar no interior do desacordo rítmico que constitui a própria vida. Propomos em nossos projetos o exercício etnográfico de reconhecimento dos itinerários dos grupos urbanos e suas formas de sociabilidade.

Cada exercício atenta para o esforço de conhecer os habitantes, os grupos, as situações vividas na cidade a partir de recortes temáticos diversos. A cultura do trânsito em Porto Alegre, as formas de trocas sociais nas feiras livres — que revelam práticas e saberes, como ensina o antropólogo francês Michel de Certeau (1994) —, as formas de sociabilidade e as memórias dos velhos *habitués* dos jogos de várzea, a vida cotidiana dos moradores de uma comunidade de negros em suas reivindicações por um reconhecimento da quilombola urbana, o medo e os riscos em face da insegurança e do aumento da criminalidade em Porto Alegre que “aterroriza” as camadas médias, as manifestações e os grupos afro-descendentes em suas referências identitárias em territórios mitos, os moradores da ilha na periferia da cidade em suas lógicas de viver a “ilheidade”, os teatros de rua, a vida em ruas, em bairros, a vida dos ambulantes e seus embates com a fiscalização, as sonoridades na cidade, a paisagem sonora de uma procissão, dos gritos de vendas de mercadorias, as casas demolidas para a especulação imobiliária que abrigavam memórias familiares, os trabalhadores do porto, da empresa de transporte, dos taxistas, as festas, o carnaval, os movimentos pela cultura, os grupos punks, os grafiteiros, os idosos nas praças, os *habitués* da feira do livro, enfim, os temas se multiplicam, revelando as vivências nos microuniversos, as disjunções nas macroestruturas de decisões políticas, nas ações do Estado e da sociedade civil.

Sob a ótica dos estudos de uma etnografia da duração, a vida urbana é descrita pelos sujeitos-personagens que narram as suas experiências cotidianas nas cidades modernas superpondo os tempos imaginados a partir de um fragmento vivido. Como colocamos em outro artigo:

“Não se trata de encerrar a descrição destas ações num enquadre preciso de espaço-tempo físico, geográfico ou histórico; mas ao contrário, trata-se de seguir os arranjos entre tempo pensado e tempo vivido na rítmica da vida cotidiana de seus habitantes no contexto metropolitano.” (Eckert e Rocha, 2009: 65).

Entre as inúmeras técnicas que adotamos na pesquisa de campo, a observação participante e a “etnografia de rua” (Eckert e Rocha, 2003) investem na *flanneurie* benjaminiana comprometida com as formas e alegorias que configuram a cidade. A etnografia de rua segue a prática antropológica de ver, ouvir e escrever (Cardoso de Oliveira, 2000) relatos e descrições sobre a cidade moderna e seus territórios.

O sentido de seguir narrando: pela cidade afora

Devemos concluir sobre as imagens com que abrimos este artigo: mais do que uma testemunha ocular nas cidades ou do que um guardião da memória dos grupos sociais citadinos, aquele que narrou sua vida é um ator ético que investe no projeto de criação imaginativa de seus sucessores, na inteligibilidade da proposta transgeracional de dar movimento às imagens de pertença e de reconhecimento, para oferecer essas imagens à adesão de habitantes no fluxo de suas próprias imagens, que se colocam como dispositivos de sentido para novos arranjos de configurar a cidade vivida.

Essa identidade narrativa nos é cara quando rearranjada pelo antropólogo hermenêutico em sua vocação de potencializar a dialética das imagens em narrativas ritmadas no fluxo dos tempos vividos nas cidades por uma tensão criadora, posto que é no ecumenismo das imagens que “o símbolo aparece, abrindo passagem através de todas as suas funções numa epifania do Espírito e do valor, numa hierofania” (Durand, 1988: 109).

A ação imaginativa que reivindicamos como expressão dessa interface da antropologia urbana e da antropologia da imagem, pela experiência de uma etnografia da duração na cidade moderna, pode então reconhecer os gestos e as palavras que se alternam nas trajetórias, nas formas de sociabilidade, nos itinerários urbanos, nos projetos de vida, processos em que podemos reconhecer os arranjos dos tempos vividos e pensados. Tempo da vida cotidiana no contexto urbano, em suas regularidades e determinações de sistemas culturais predecessores, mas justamente aí reside um tempo de liberdade: o da memória dos habitantes citadinos que imaginam e criam a vida.

A vida urbana é assustadoramente injusta, disjuntiva, disruptiva, conflitiva, e tantas outras adjetivações que podem se somar a estas, revelando as formas paradoxais que testemunham, nas cidades brasileiras que estudamos, as desigualdades sociais, a crise de valores éticos como o tonalizam a criminalidade e a corrupção, a indiferença e a desconfiança.

Estamos convictas que podemos seguir procurando “em toda parte ocasiões para ritmos” (Bachelard, 1932) e que os enunciados provindos de etnografias das durações podem contribuir. E assim investir, para que as novas gerações dos mais diversos segmentos sociais possam encontrar, na sobreposição temporal com que arranjam suas imagens vividas e pensadas, o que Gaston Bachelard (1988: 133) define por repouso temporal ou mesmo uma harmonia feliz de ritmos. Mas esse repouso, diz o mestre, é ativo, pois exige a vibração da memória coletiva que podemos, na nossa responsabilidade do papel de mediadores entre micromundos conceituais, rearranjar em fórmulas narrativas as tantas vozes e gestos da e na cidade. Que esses arranjos narrativos possam perturbar a indiferença, e acalmar a desconfiança, seria para nós uma honraria, nos permitindo sentir fazer parte de uma comunidade interpretativa ética, comprometida com as novas gerações.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gastón. **A dialética da duração**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- BACHELARD, Gastón. **L' intuition de l' instant**. Paris: Editions Gonthier, 1932.
- Benjamin, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CALDEIRA, Tereza P. **A cidade de muros**. São Paulo: Edusp, Ed 34, 2003.
- CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica**. São Paulo: Paz e Terra. 1986.
- DA MATTA, Roberto. **A casa & rua**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DUMONT, Louis. **O individualismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença, 1989.
- DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1984.
- DURHAM, Eunice. **A dinâmica da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify. 2004.
- DURKHEIM, Émile. **Les règles de la méthode sociologique**. Paris : PUF, 1968.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. "Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana". **Revista Rua**. NDC, Unicamp, Campinas: 2003. pp. 101-127. Vol. 9.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. 2005.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. "Etnografia da duração: estudos de memória coletiva". In: LOPES, Cícero G et alli (Orgs.). **Memória e cultura**. Perspectivas transdisciplinares. Canos, Unilasalle, 2009. pp. 39-68.
- ECKERT, Kurt Benno. **O sol nasce para todos**. Porto Alegre: Palotti, 2009.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOX, Richard G. **Urban Anthropology**. Cities in Their Cultural Settings. Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall, 1977.

- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- GOFFMAN, E. **La mise en scène de la vie quotidienne**. Paris: De Minuit, 1973.
- HALWBACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALWBACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Félix Alcan. 1925.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1996.
- L'ECOLE DE CHICAGO. **Naissance de l'écologie urbaine**. Paris: Aubier Montaigne, 1984.
- MAGNANI, José G. e TORRES, Lilian. **Na metrópole**, São Paulo: Edusp/Fapesp. 2000.
- MORAES FILHO, Evaristo. **Simmel**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- OLIVEN, Ruben George. **Violência e cultura**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- Pain, Sara. **A função da ignorância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- PIAGET, Jean. **Sabedoria e ilusões da Filosofia**. São Paulo: Difusão Européia, 1969.
- RABINOW, Paul. **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro: Dumará, 2002.
- Ricoeur, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Seuil, 2000.
- Ricoeur, Paul. **O si-mesmo como um outro**, São Paulo: Papyrus, 1991.
- Ricoeur, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. I. São Paulo: Papyrus. 1994.
- SAHLINS, Marshall. **Como pensam os nativos**. São Paulo : Edusp, 2005.
- SANSOT, Pierre. **Poétique de la ville**. Paris: Klincksieck, 1997.
- SCHUTZ, Alfred. **Estudios sobre teoria social**. Buenos Aires:
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. pp. 11-25.
- SIMMEL, Georg. **Les problèmes de la philosophie de l'histoire**. Paris: PUF. 1984.
- VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Petrópolis: Zahar, 1981.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. **Utopia urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

VELHO, Otávio G. (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WAGNER, Helmut R. (Org. e Introdução). **Fenomenologia e relações sociais**. Textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Editora 34, 2000.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. In: VELHO, Otávio G. (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. pp. 68-89.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan e UFRJ, 1994.